



## LITURGIA, IMAGINAÇÃO E A FORMAÇÃO DE HÁBITOS (RESENHA)

---

### *Liturgy, imagination and habits formation (Review)*

Caio Cesar Dias Peres

#### Resenha crítica

Smith, James K. A. *Imagining the kingdom: how worship works*. Grand Rapids: Baker Academic, 2013. xx + 198 pp.

James K. A. Smith\*

---

\*\*\*

Esta é a segunda obra de uma série de três livros, que formam o projeto sobre *Liturgias Culturais* de James K. A. Smith. Ainda que cronologicamente posterior, *Imagining the kingdom* [Imaginando o reino] não foi uma sequência lógica à primeira obra, *Desiring the kingdom* [Desejando o reino], mas sim uma leve correção.<sup>1</sup> Em *Desiring the kingdom*, Smith trabalha com as mesmas premissas apresentadas em *Imagining the kingdom*: uma pedagogia antropológica que descarta a *primazia* do intelecto e coloca a *prioridade* nos hábitos corporais. No entanto, na primeira obra, Smith parte de uma visão fundamental do *desejo*, enquanto na segunda obra ele parte de uma visão fundamental da *imaginação*. Ele mesmo reconhece que a imaginação precede o desejo (p. 125).

Na introdução, Smith afirma que nossa visão do mundo e nossas ações nele são governadas por desejos inconscientes, disposições pré-intelectuais e hábitos pré-conscientes. No decorrer da obra, Smith indica a importância de hábitos, já que esse conceito tem grande afinidade com o tema de seu estudo: liturgia.

No primeiro capítulo, Smith apresenta o argumento de Maurice Merleau-Ponty, um fenomenologista, de que o modo de interação do ser humano com o mundo não é o de um sujeito (ser humano) e um objeto (o mundo). Pelo contrário, o ser humano tem uma “comunhão” com o mundo; ele existe *com* o mundo e não *no* mundo. Daí a importância do corpo, já que é por meio deste que acontece essa “comunhão”. Para Merleau-Ponty, a consciência do mundo depende da

---

\* *Master of Divinity*, Seminário Teológico Servo de Cristo, São Paulo (2009-2012); *Master of Arts* em Estudos Bíblicos, Universidade Livre de Amsterdã (2016-2018). Bolsista por *Vrije Universiteit Fellowship Program* (VUFP) e *Holland Scholarship Program* (HSP). Colaborador exegético da *Bíblia Brasileira de Estudos* (BBE, 2016, Editora Hagnos); autor de verbetes na *Enciclopédia do Protestantismo* (2016, Editora Hagnos).

<sup>1</sup> A primeira obra, *Desiring the kingdom*, foi publicada por Edições Vida Nova, em 2018, sob o título *Desejando o reino: culto, cosmovisão e formação cultural*. A segunda obra, *Imagining the kingdom* foi publicada em 2019, também por Edições Vida Nova, sob o título *Imaginando o reino: a dinâmica no culto*.

interação primária do corpo com ele, por isso o modo como “entendemos” o mundo depende, antes, de pressuposições e hábitos corpóreos que nos deram o “contexto” pelo qual interpretamos o mundo. Merleau-Ponty chama esse “contexto corpóreo” de “percepção”, daí o nome de seu livro, *Phenomenology of perception* [Fenomenologia da Percepção].

No segundo capítulo, Smith apresenta o estudo do antropologista Pierre Bourdieu, em sua obra *The logic of practice* [A lógica da prática]. Para Bourdieu, há uma inconsistência no estudo antropológico, que não distingue a lógica do comportamento prático e a lógica científica. Um bom exemplo dado por Bourdieu é o estudo linguístico. Enquanto o linguista estuda a língua como uma construção estruturada de símbolos, o praticante nativo, simplesmente a usa para alcançar seus objetivos. O conhecimento prático é dependente de um “senso prático”, que Bourdieu chama de hábito. O hábito é um sistema de disposições estruturadas e estruturantes, preservado por uma comunidade de prática. Assim, o hábito vai além do indivíduo, sendo um tipo de tradição encarnada. Por isso os rituais compartilhados por um grupo social formam hábitos. Neste ambiente ritual, o hábito é implantando no corpo, que começa a governar a vida do indivíduo para além das práticas rituais.

Se ainda há dificuldade de se entender como o corpo é o meio primário para estruturarmos o mundo, o capítulo três, com a interação de Smith com Mark Johnson, deixará as coisas mais claras. A obra com a qual Smith dialoga é *The meaning of the body* [O significado do corpo]. O argumento fundamental de Johnson, usado por Smith, é que as formas corporais por meio das quais bebês e crianças dão sentido à sua experiência no mundo não são eliminadas quando o indivíduo se desenvolve cognitivamente. De fato, essas formas corporais é que tornam possíveis a conceptualização e o pensamento no campo das ideias. Johnson descreve esse desenvolvimento da seguinte maneira: um sistema de imagens que surgem da relação do corpo com o ambiente, que gera “metáforas” primárias, gerando, por sua vez, metáforas “conceituais”, até que se formem conceitos de fato. Tais “metáforas” primárias, que surgem nos estágios mais primitivos de nossa vida humana, portanto, inconscientes, determinam o fundamento sobre o qual se construirá o sistema mais complexo e elevado de interação cognitiva com o mundo. Como a nossa interação corporal com o mundo forma “imagens”, o ser humano, conforme Smith, deve ser classificado como um “animal da imaginação”.

Gostaria de destacar algumas implicações que Smith apresenta desse estudo de Johnson. A primeira é que o ser humano é cativado por sua imaginação, pois é a partir dela que o ser humano determina de que “história” faz parte. A segunda é que a entrada para a imaginação humana é o corpo, e o ambiente em que o corpo experimenta uma história em práticas corporais é a liturgia ou sistema de rituais. A terceira, como resultado disso, é que nossa imaginação é disputada por liturgias, ou seja, práticas sociais estruturadas, diferentes. Nossa imaginação é capaz de conter “mundos” (i.e., sistemas de metáforas) diferentes, mas o “mundo” primário é aquele ao qual nos expomos mais. Por fim, Smith aplica isso ao que ele chama de fenomenologia da tentação. Nem todo pecado, diferente do que pensam intelectualistas, é uma decisão deliberada baseada em crenças falsas ou falta de conhecimento. Por isso, um remédio que considere somente o indivíduo é inadequado. O pecado tem mais a ver, conforme Smith, com uma participação maior nas liturgias seculares, que nos levam a assimilar a “cidade terrena” de amores desordenados, governados pelo amor próprio e a busca por dominação, do que a participação em liturgias que “alimentam” nossa imaginação com imagens de justiça e prosperidade características do reino de Deus.

Smith inicia o quarto capítulo, que serve de conclusão ao livro, com uma discussão sobre o caráter missional da adoração. A adoração cristã é concluída com um envio, portanto, tem uma função centrífuga. Ao mesmo tempo, a formação dos enviados se dá na própria adoração, por isso sua prática é centrípeta. Smith, que enfatiza o valor da missão na adoração cristã, precisa, assim,

explicar a importância desse caráter centrípeto. A adoração cristã, explica Smith, em sua concretude local e suas práticas litúrgicas repetidas, é o que treina o participante na história da missão de Deus. O culto cristão, então, deve ser um ensaio, semana após outra, de como participar nessa história. Isso deve acontecer por meio de histórias, narrativas, imagens, símbolos, músicas, etc. Esse conjunto de práticas corporais que “recriam” a história de Deus com a sua criação é o que deveria constituir a adoração cristã.

Por fim, gostaria de fazer uma crítica a Smith a partir de um questionamento que ele mesmo faz. Ele cita uma pergunta de John Witvliet: “Se a participação na liturgia nos molda, por que participantes de longa data não se tornaram pessoas melhores?”. O próprio Witvliet dá uma resposta, com a qual Smith concorda: “Uma forma de nos bloquear do poder da adoração é pensar em ir para a igreja de forma supersticiosa”. Infelizmente, porém, isso soa como uma resposta intelectualista, exatamente aquilo que Smith refuta. Em todo o livro Smith defende uma visão do ser humano em seu aprendizado corporal, mas, nessa resposta, ele diz que uma “mentalidade” é capaz de superar o poder do corpo. Acredito que tenho uma explicação para tal inconsistência na resposta de Smith. Já em *Desiring the kingdom*, Smith não foi capaz de ter uma visão crítica da liturgia cristã. Ele nunca chega a avaliar criticamente as práticas da adoração cristã que não “carreguem, encarnem, encenem e ensaiem intencionalmente a história cristã” (p. 163). Uma pergunta importante é: Qual é, então, essa história? Esse é um problema no livro, pois Smith nunca dá uma resposta direta.

Outra implicação e aplicação do estudo teórico de Smith, mas que ele nunca menciona, é a relação entre adoração, evangelização e justiça. Se o fundamento teórico de Smith está certo, e eu acredito que está, a prática evangélica tradicional de evangelização como proclamação é fraca, ou até inútil para o aprendizado da história cristã. Essa história, contada verbalmente, não significa nada enquanto não tiver um corpo social, a igreja, que a manifeste. Da mesma forma, a ação cristã de justiça necessita um corpo social, a igreja, onde essa justiça é “ambientada” num contexto de culto, sem o qual se torna mero ativismo. De fato, conforme Stanley Hauerwas, “se a igreja tiver integridade litúrgica, não haverá necessidade de lidar com a relação entre adoração, evangelismo e justiça”.<sup>2</sup>

É necessário repensar diversas práticas litúrgicas da adoração cristã, mas isso nunca acontece nas páginas de *Imagining the kingdom* (e nem de *Desiring the kingdom*). Assim, eu tenho o livro de Smith como um fundamento antropológico, sociológico e litúrgico para inspirar críticas à adoração cristã e fomentar novas práticas que possam contar, encarnar, encenar e ensaiar essa história de humilhação, serviço e amor. *Imagining the kingdom* é um bom fundamento teórico, mas precisa ser aplicado para muito além daquilo que Smith parece estar desejoso de aplicar.

---

<sup>2</sup> “Worship, Evangelism, Ethics: On Eliminating the ‘And’”, in *Liturgy and the Moral Self: Humanity at Full Stretch Before God*, edited by E. Byron Anderson and Bruce T. Morrill, 95-106 (Collegeville: The Liturgical Press, 1998), 105-6.